

Do mesmo autor de *O guia de sobrevivência a Zumbis*

GUERRA MUNDIAL



Max Brooks

Rocco

Orelha do Livro

Após o que por pouco não foi o fim da raça humana exterminada por zumbis, todo mundo tinha uma história para contar. Para sorte dos leitores, não era nesses relatos que a presidente da Comissão Pós-guerra das Nações Unidas estava interessada. "Opiniões demais, sentimentos demais", ela explicou. Descartados para uso oficial, os registros colhidos por um experiente pesquisador são agora reunidos e mostram a força das experiências pessoais de quem enfrentou de perto a agonia do surto.

Do Dr. Kwang Jing-shu, o médico chinês que examinou o "paciente zero", até Breckenridge Scott, o empreendedor que fez fortuna com uma falsa vacina para a infestação e fugiu para a Antártida; de Todd Wainio, soldado da infantaria do exército americano que lutou na celebrada Batalha de Yonkers, até Mary Jô Miller, a arquiteta de um bairro onde a elite pode pagar por construções protegidas, os testemunhos aqui reunidos surpreendem pela honestidade com que os sobreviventes tratam os acontecimentos da guerra em suas vidas.

Num tom investigativo, mesclando os acontecimentos eletrizantes à emoção dos depoimentos, Max Brooks constrói um livro contagiante e surpreendente, com rara meticulosidade e uma capacidade imaginativa.

Por onde estiveram os zumbis? Quem são eles? Houve realmente um fim para o surto? Como diz Brooks, é hora de encarar a verdade e a loucura da Guerra Mundial Z.

MAX BROOKS nasceu em Nova York em 1972. Entre 2001 e 2003 fez parte da equipe de roteiristas do famoso programa de humor Saturday Night Live. Seu livro anterior, O guia de sobrevivência a Zumbis, também publicado pela Rocco, foi um grande sucesso, adotado como leitura obrigatória por todos os programas de treinamento militar durante os mais recentes conflitos globais. Guerra Mundial Z teve seus direitos comprados para o cinema.

Max Brooks

GUERRA MUNDIAL Z

Uma história oral da guerra dos Zumbis

Tradução: RYTA VINAGRE

Rocco

Digitalização e Revisão: By AtlanPerry

Visitem o meu blog e prestigie o meu trabalho:

<http://www.impactodownload.blogspot.com>



Título original

WORLD WAR Z
An Oral History of the Zombie War
Copyright © 2006 by Max Brooks

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico
ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação,
sem a permissão escrita do editor.

Todos os personagens neste livro são fictícios e qualquer semelhança com pessoas,
vivas ou não, é mera coincidência.

O direito de Max Brooks de ser identificado como autor desta obra foi assegurado por
ele em concordância com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 — 8- andar
20030-021 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br/www.rocco.com.br

Printed in Brazil//Impresso no Brasil

Preparação de originais

LEONARDO VILLA-FORTE

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B888g Brooks, Max

Guerra mundial Z: uma história oral da guerra dos Zumbis / Max Brooks; tradução de
Ryta Vinagre. - Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Tradução de: World war Z: an oral history of the zombie war
ISBN 978-85-325-2555-0

1. Zumbis - Ficção. 2. Ficção de terror. 3. Ficção norte-americana.
I. Vinagre, Ryta. II. Título.

10-1290

CDD-813

CDU-821.111(73)-3

INTRODUÇÃO

Atende por muitos nomes: "A Crise", "Os Anos Sombrios", "A Peste Ambulante", bem como títulos mais novos e mais "modernos", como "Guerra Mundial Z" ou "Primeira Guerra Z". Pessoalmente, não gosto deste último apelido porque implica uma inevitável "Segunda Guerra Z". Para mim, sempre será a "Guerra dos Zumbis" e, embora muitos possam se opor à exatidão científica da palavra zumbi, terão de se esforçar muito para encontrar um termo de maior aceitação em todo o planeta para as criaturas que quase provocaram nossa extinção. Zumbi ainda é uma palavra arrasadora, com o poder incomparável de conjurar tantas lembranças e emoções; estas lembranças, e emoções, são o tema deste livro.

Este registro da maior guerra da história humana deve sua gênese um conflito muito menor e muito mais pessoal entre mim e a presidente do Relatório da Comissão Pós-guerra das Nações Unidas. Meu trabalho inicial na comissão pode ser descrito como nada menos do que uma obra de amor. Meu estipêndio para viagens, meu passe de segurança, minha bateria de tradutores, humanos e eletrônicos, assim como meu quase inestimável programa de transcrição ativado por voz (o maior presente que o mais lento digitador do mundo pode pedir), todos falaram do respeito e do valor de meu trabalho neste projeto. Assim é desnecessário dizer que foi um choque quando descobri que quase metade deste trabalho foi eliminada da última edição do relatório.

"Era tudo íntimo demais", disse a presidente durante uma de nossas muitas discussões "animadas". "Opiniões demais, sentimentos demais. Não é disto que trata este relatório. Precisamos esclarecer fatos e números, toldados pelo fator humano." É claro que ela estava certa. O relatório oficial era uma coletânea de dados frios e duros, um "relatório pós-ação", objetivo, que permitiria às gerações futuras o estudo dos acontecimentos da década apocalíptica sem ser influenciadas pelo "fator humano". Mas não é o fator humano que nos relaciona tão profundamente com nosso passado? Será que as gerações futuras dariam tanta importância a cronologias e estatísticas de mortalidade quanto a relatos de pessoas que não são tão diferentes delas? Ao excluir o fator humano, não estamos nos arriscando ao tipo de distanciamento pessoal de uma história que pode, Deus nos livre, um dia nos levar a repeti-la? E, no fim, não é o fator humano a única diferença verdadeira entre nós e o inimigo a quem agora nos referimos como "os mortos-vivos"? Apresentei este argumento, talvez menos profissionalmente do que era adequado, a minha "chefe", que depois de minha última exclamação de "não podemos deixar essas histórias morrerem", respondeu imediatamente com "Não morrerão. Escreva um livro. Você ainda tem todas as anotações e é legalmente livre para usá-las. Quem vai impedi-lo de manter essas histórias vivas nas páginas de seu próprio livro?"

Alguns críticos sem dúvida discordarão do conceito de um livro de histórias pessoais tão imediatamente depois do fim das hostilidades pessoais. Afinal, só se passaram 12 anos desde que o Dia V foi declarado nos Estados Unidos continentais, e mal se passou uma década desde que a última grande potência mundial celebrou sua libertação no "Dia da Vitória na China". Dado que a maioria das pessoas considera o Dia V o fim oficial, então como podemos ter uma perspectiva real quando, nas palavras de um colega da ONU, "Estamos em paz pelo mesmo tempo em que estivemos em guerra"? Este é um argumento válido, e um argumento que pede uma resposta. No caso desta geração, que combateu e sofreu para que conquistássemos esta década de paz, o tempo é tanto inimigo como aliado. Sim, os anos futuros darão maior compreensão, uma sabedoria maior às lembranças vistas pela luz do mundo amadurecido no pós-guerra. Mas é possível que muitas destas lembranças não existam mais, presas em corpos e espíritos deteriorados ou fracos demais para ver a colheita dos frutos de sua vitória. Não é um grande segredo que a expectativa de vida mundial é uma mera sombra de seus números pré-guerra. São uma realidade presente a desnutrição, a poluição, a ascensão de doenças antes erradicadas, até nos Estados Unidos, com sua economia renascida e sistema de saúde universal; simplesmente não existem recursos suficientes para cuidar de todas as baixas físicas e psicológicas. É devido a este inimigo, o inimigo do tempo, que desisti do luxo da reflexão posterior e publiquei os relatos destes

sobreviventes. Talvez daqui a décadas alguém assuma a tarefa de registrar as lembranças dos sobreviventes muito mais velhos e muito mais sábios. Talvez eu até esteja entre eles.

Embora este seja principalmente um livro de memórias, inclui muitos detalhes, tecnológicos, sociais, econômicos e assim por diante, encontrados no relatório original da comissão, uma vez que se relacionam com histórias daquelas vozes retratadas nestas páginas. Este é o livro deles, e não meu, e tentei manter minha presença o mais invisível possível. Foram incluídas perguntas no texto apenas para ilustrar aquelas que poderiam ser feitas pelo leitor. Tentei limitar a crítica, ou qualquer tipo de comentário; e se houver um fator humano que deve ser eliminado, que seja o meu.

ALERTAS

CHONGKING MAIOR, FEDERAÇÃO UNIDA DA CHINA

[Àquela altura antes da guerra, esta região ostentava uma população de mais de 35 milhões de pessoas. Agora, mal são 50 mil. Os fundos de reconstrução demoram mais a chegar nesta parte do país, preferindo o governo concentrar-se na costa mais densamente povoada. Não há uma rede de eletricidade central, nem água corrente além do rio Yang-Tsé. Mas as ruas estão limpas do entulho e o "conselho de segurança" local evitou qualquer rebelião pós-guerra. O presidente deste conselho é Kwang Jingshu, médico que, apesar da idade avançada e dos ferimentos de guerra, ainda consegue fazer visitas domiciliares a todos os seus pacientes.]

O primeiro surto que vi foi numa aldeia remota que oficialmente não tinha nome. Os moradores a chamavam de "Nova Dachang", mas isto era mais por nostalgia do que por qualquer outro motivo. Sua antiga terra natal, a "Velha Dachang", tinha destaque desde o período dos Três Reinos, com fazendas e casas, até árvores que diziam ter séculos de idade. Quando a represa das Três Gargantas foi concluída e as águas do reservatório começaram a subir, grande parte de Dachang foi desmontada, tijolo por tijolo, depois reconstruída em um terreno mais elevado. Esta Nova Dachang, porém, não é mais uma cidade, mas um "museu histórico nacional". Deve ter sido uma ironia ofensiva para aqueles pobres camponeses ver sua cidade salva, mas depois poder apenas visitá-la como turistas. Talvez seja por isso que alguns preferem chamar seu povoado recém-construído de "Nova Dachang", para preservar alguma ligação com sua herança, mesmo que apenas no nome. Pessoalmente, não sabia que existia esta outra Nova Dachang, então pode imaginar como fiquei confuso quando o nome surgiu.

O hospital estava silencioso; a noite foi arrastada, até para o número crescente de acidentes com motoristas embriagados. As motos estavam se tornando muito populares. Costumávamos dizer que sua Harley-Davidson matava mais jovens chineses do que todos os soldados da Guerra da Coreia. Por isso fiquei tão grato por um turno tranqüilo. Eu estava cansado, minhas costas e meus pés doíam. Estava indo fumar um cigarro e ver o amanhecer quando ouvi meu nome sendo chamado no sistema de som. A recepcionista daquela noite era nova e não conseguia entender o dialeto. Houve um acidente, ou era uma doença. Era uma emergência, esta parte era óbvia, e pediam que enviássemos ajuda imediatamente.

O que eu poderia dizer? Os médicos mais novos, os garotos que acham que a medicina é só uma maneira de pagar as contas, certamente não iam ajudar um "nongmin" só por ajudar. Acho que no fundo ainda sou um velho revolucionário. "Nosso dever é nos responsabilizarmos pelo povo"¹ Essas palavras ainda significam alguma coisa para mim...Tentei me lembrar disso

¹ De "Citações do Presidente Mao Tsé-tung", originalmente de "A situação e nossa política depois da vitória na guerra de resistência contra o Japão", 13 de agosto de 1945.

enquanto meu Deer¹ sacudia e batia nas estradas de terra que o governo prometera pavimentar, mas jamais o fez.

Levei um tempo enorme para encontrar o lugar. Oficialmente, não existia e portanto não estava em nenhum mapa. Perdi-me várias vezes e tive de pedir informações a moradores que ficavam pensando que eu queria dizer o museu local. Eu estava num estado de espírito impaciente quando cheguei ao pequeno grupo de casas no alto da colina. Lembro-me de ter pensado: E melhor que esta porcaria seja séria. Depois que vi seus rostos, arrependi-me de meus pensamentos.

Eles eram sete, todos em catres, todos inconscientes. Os aldeões os haviam transferido para sua nova sala de reuniões da comunidade. As paredes e o piso eram de cimento nu. O ar era frio e úmido. É claro que estão doentes, pensei. Perguntei aos aldeões quem estava cuidando daquelas pessoas. Eles disseram ninguém, não era "seguro". Percebi que a porta tinha sido trancada por fora. Os aldeões estavam claramente apavorados. Encolhiam-se e falavam aos sussurros; alguns mantinham distância e rezavam. Seu comportamento me deixou irritado, não com eles, entendam, não como indivíduos, mas com o que representavam sobre nosso país. Depois de séculos de opressão, exploração e humilhação estrangeiras, finalmente reclamávamos nosso lugar de direito como reino médio da humanidade. Éramos a superpotência mais rica e mais dinâmica, mestres em tudo, do espaço sideral ao ciberespaço. Era o alvorecer do que o mundo finalmente reconhecia ser "O Século Chinês", e no entanto muitos ainda viviam como estes camponeses ignorantes, estagnados e supersticiosos como os primeiros selvagens Yangshao.

Eu ainda estava perdido em minha crítica cultural e soberba quando me ajoelhei para examinar a primeira paciente. Tinha febre alta, de 40 graus, e tremia violentamente. Incoerente, ela gemeu de leve quando tentei mover seus membros. Havia uma ferida no antebraço direito, uma marca de mordida. Enquanto a examinava mais atentamente, percebi que não era de animal. O raio da mordida e as marcas de dentes tinham de vir de um ser humano pequeno, possivelmente jovem. Embora eu tenha pensado que era esta a origem da infecção, a lesão em si era surpreendentemente limpa. Perguntei aos aldeões, novamente, quem tinha cuidado daquelas pessoas. De novo, eles me disseram ninguém. Eu sabia que isso não podia ser verdade. A boca humana é cheia de bactérias, ainda mais do que a do cão mais anti-higiênico. Se ninguém limpava a ferida da mulher, por que não estava palpitando de infecção?

Examinei os outros seis pacientes. Todos mostravam sintomas semelhantes, todos tinham ferimentos parecidos em várias partes do corpo. Perguntei a um homem, o mais lúcido do grupo, quem ou o que lhe infligira aquelas feridas. Contou-me que tinha acontecido quando ele tentava dominar a "ele".

"Quem?", perguntei.

Encontrei o "Paciente Zero" atrás da porta trancada de uma casa abandonada do outro lado da cidade. Tinha 12 anos. Seus pulsos e pés estavam amarrados com barbante de plástico. Embora esfregasse a pele em volta das amarras, não havia sangue. Também não havia sangue em outras feridas, nem nos talhos em seus braços e pernas, nem no grande buraco seco onde antes havia o dedão do pé direito. Ele se contorcia como um animal; uma mordaca abafava seus grunhidos.

No início os aldeões tentaram me impedir. Alertaram para não tocar nele, que ele era "amaldiçoado". Eu os afugentei e peguei máscara e luvas. A pele do menino era fria e cinzenta como o cimento em que se deitava. Não consegui encontrar seu batimento cardíaco, nem a pulsação. Os olhos eram desvairados, arregalados e afundados nas órbitas. Ficaram fixos em mim como uma fera predatória. Em todo o exame, ele ficou inexplicavelmente hostil, tentando me pegar com as mãos amarradas e estalando os dentes para mim através da mordaca.

¹ Um automóvel pré-guerra fabricado na República Popular.

Seus movimentos eram tão violentos que tive de pedir a dois dos aldeões mais fortes para me ajudar a segurá-lo. De início, eles não se mexeram, acuados na soleira da porta como coelhinhos. Expliquei que não havia risco de infecção se usassem luvas e máscaras. Quando sacudiram a cabeça, eu dei uma ordem, embora não tivesse autoridade legal para tanto.

Foi o que bastou. Os dois bovinos se ajoelharam a meu lado. Um segurou os pés no menino, enquanto o outro prendia suas mãos. Tentei tirar uma amostra de sangue, e em vez disso extraí apenas um material marrom e viscoso. Enquanto eu retirava a agulha, o menino começou outra crise de luta violenta.

Um de meus "assistentes", aquele responsável pelos braços, desistiu de tentar segurá-los e pensei que seria mais seguro se ele só os prendesse no chão com os joelhos. Mas o menino teve outro solavanco e ouvi seu braço esquerdo se quebrar. As pontas em farpas do rádio e da ulna se projetavam pela carne cinzenta. Embora o menino não gritasse, nem mesmo parecesse perceber, foi o bastante para que os dois assistentes saltassem para trás e fugissem do cômodo.

Por instinto, eu mesmo retrocedi vários passos. Fico constrangido em admitir isso; eu fora médico pela maior parte de minha vida adulta. Era treinado e... Pode-se dizer até "criado" pelo Exército de Libertação do Povo. Tratei de mais do que minha parcela de lesões de combate, estive diante da morte em várias ocasiões, e agora estava com medo, verdadeiramente, desta criança frágil.

O menino começou a se retorcer na minha direção, o braço rasgado completamente livre. Carne e músculos se rasgaram um no outro até que só o que havia era o toco. O braço direito agora livre, ainda amarrado à mão direita decepada, arrastou seu corpo pelo chão.

Corri para fora, trancando a porta depois de passar. Tentei me recompor, controlar meu medo e minha vergonha. Minha voz ainda era falha quando perguntei aos aldeões como o menino foi infectado. Ninguém respondeu. Comecei a ouvir batidas na porta, o punho do garoto socando fraco na madeira fina. Esforcei-me ao máximo para não pular com o som. Rezei para que eles não percebessem a cor sumindo de meu rosto. Eu gritei, mais por medo do que por frustração, que eu tinha de saber o que aconteceu com aquele menino.

Aproximou-se uma jovem, talvez a mãe dele. Podia-se dizer que ela estivera chorando há dias; seus olhos eram secos e muito vermelhos. Ela admitiu que aconteceu quando o menino e o pai estavam "pescando ao luar", uma expressão que descreve procurar tesouros entre as ruínas submersas do reservatório das Três Gargantas. Com mais de 1.100 aldeias, vilarejos e até cidades abandonadas, sempre havia a esperança de recuperar algo de valor. Era uma prática muito comum naquele tempo, e também era ilegal. Ela explicou que eles não estavam saqueando, que era sua própria aldeia, a Velha Dachang, e que só tentavam pegar alguns bens de família nas casas que não haviam sido transferidas. Ela repetiu o argumento e tive de interrompê-la com promessas de não contar à polícia. Por fim ela explicou que o menino saiu de lá gritando, com uma marca de mordida no pé. Ele não sabia o que tinha acontecido, a água era escura e lodosa demais. O pai nunca mais foi visto.

Peguei o celular e disquei o número do Dr. Gu Wen Kuei, um velho camarada de meus tempos de exército que agora trabalhava no Instituto de Doenças Infecciosas da Universidade Chongqing¹. Trocamos amabilidades, discutindo nossa saúde, nossos netos; só o que era educado. Depois contei a ele sobre o surto e ouvi enquanto ele fazia piada dos hábitos de higiene dos caipiras. Tentei rir com ele, mas disse pensar que o incidente podia ser importante. Quase com relutância, ele me perguntou quais eram os sintomas. Contei-lhe tudo: as mordidas, a febre, o menino, o braço... Seu rosto de repente ficou tenso. O sorriso sumiu.

Ele me pediu para lhe mostrar os infectados. Voltei à sala de reuniões e coloquei a câmera do celular sobre cada um dos pacientes. Ele me pediu para aproximar a câmera de alguns

¹ Instituto de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Primeiro Hospital Afiliado, Universidade de Medicina de Chongqing

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

